

Um poema de Jessica Atal

Tradução e apresentação de André Faria¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Jessica Atal nasceu em Santiago do Chile. Ela é escritora, poeta, editora e crítica literária. Estudou Literatura na Universidade do Chile. Se graduou na University of Utah (Salt Lake City, Estados Unidos) em 1988, com o título de Bachelor of Arts in Spanish. Escreveu para o diário El Mercurio desde 1988 até 2015. Em 2004 recebeu o Prêmio Edward Said, outorgado pela Fundação Palestina Belém 2000. Sua obra foi traduzida para diversos idiomas e foi publicada em antologias, diários e revistas, tanto no Chile como no exterior. Atualmente trabalha como editora independente, colabora com o diário cultural La Panera e realiza oficinas literárias. Para a autora, a poesia habita o corpo, pode viver em uma pele rasgada e oprimida, pode ser uma voz que grita “basta” ou que clama por “justiça”. A poesia de Jessica Atal é visceral, carrega um grito por liberdade com a mesma intensidade que protesta contra a violência sofrida pelas mulheres chilenas. Sua escrita pulsa em suas veias cheias de sangue de mulheres vítimas do feminicídio em seu país. Sua obra se tornou um símbolo revolucionário contra à opressão e a violência ao corpo feminino no Chile. Seus poemas denunciam a violação contra a mulher, apontam para corpos doentes e para desejos interrompidos por uma realidade brutal que ceifa centenas de vidas femininas todos os anos, além de servir como um grito que ecoa por liberdade, justiça e menos opressão contra as mulheres. Nas linhas e entrelinhas dos escritos de Jessica Atal encontramos mais que um texto poético carregado de melodramas; sua caneta clama pelo direito de a mulher existir como sujeito em lugar de objeto do desejo, do ódio e da possessão masculina. Ao nos atermos com mais profundidade à sua poesia não precisamos muito para sentirmos seus versos rasgarem nosso peito com a mesma força que se dilaceram corpos, sonhos e vidas femininas. Em *Suicidio*, o poema aqui apresentado, a autora discorre justamente sobre toda essa violência; estruturada e naturalizada pelo machismo patriarcal desde sempre. Seu poema também retrata o amor ante aos últimos suspiros de vida de uma mulher. *Suicídio*, parece não tratar do amor romântico, mas do amor próprio, sentimento que desperta o ódio masculino e leva muitas mulheres ao suicídio. O poema “Suicidio” faz parte do seu último livro: *Teoría de una práctica amorosa*, escrito no ano de 2020.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista Capes. E-mail: dedefaria1@hotmail.com.

eu não sei
quando vou começar
a cortar minhas veias
quando a vida começará
a ser mais impossível

tudo se escorre/sem fronteira
até se perder/entre linhas
ofuscados paradigmas

larvas famintas se inquietam
no inconsciente
e é somente tua morte
a que exigirá teu nome
se sempre chegas tarde
sistematicamente

não, aos demais/
não os identificam

e se fosse agora e já
y se fossem as mortes
mais de uma

aos vinte anos
escrevia Enrique Lihn
que nada/ nada se escorria
mas agora
em tempos urgentes y acometido
de ensaios e erros narrativos
quando as pedras se

incendeiam e se queimam
quando a carne se
desvirtua/ se posterga
quando as montanhas
são de espuma
tudo/tudo se escorre
como beijos na nuca
e promessas sem convencimento

tentativas de dizer algo
desligam-se
dos lábios

não sei se alguma vez pensei
que um amor duraria para sempre
mas sim pensei muitas vezes
na morte por amor

aos vinte anos
não soube decifrar
paixões nem fúrias
estados patológicos
sangues no rosto
não soube reter o ventre
entre as mãos

talvez foram os ventos contraídos
simplesmente o engano
as ruínas da podridão
e do tédio

vamos

tens uma voz bonita
eres capaz de qualquer coisa
acender uma aldeia de barulhos
inventar pronomes de agonias
você foi tão lindo/quando jovem

e que faço então
destruí-lo todo
me diz agora
desde a tua despojada ausência
e suas malditas consequências
sobre mim

me parece que todos
estamos muito perto
do abismo
esse que dizem
ser
a vida real

essa vida
é
a forma
mais real
do meu suicídio

Suicídio

Jessica Atal

yo no sé
cuándo voy a empezar

a cortarme las venas
cuándo comenzará la vida
a ser más imposible

todo se escurre/sin fronteras
hasta perderse/entre líneas
ofuscados paradigmas

se inquietan famélicos gusanos
en el inconsciente
y es solo tu muerte
la que exigirá tu nombre
si llegas tarde siempre
sistemáticamente

no, a los demás/
no los identifican

y si fuera ahora y ya
y si fueran las muertes
más de una

a los veinte años
escribía Enrique Lihn
que nada/nada se escurría
pero ahora
en tiempos urgentes y agredidos
de ensayos y errores narrativos
cuando las piedras se
incendian y se queman
cuando la carne se
desvirtúa/se posterga
cuando las montañas
son de espuma

todo/todo se escurre
como besos en la nuca
y promesas sin convencimiento

intentos de decir algo
cuelgan flojos
de los labios
no sé si alguna vez pensé
que un amor duraría para siempre
pero sí pensé muchas veces
en la muerte por amor

a los veinte años
no supe descifrar
pasiones ni furias
estados patológicos
sangres en el rostro
no supe retener el vientre
entre las manos

quizás fueron los vientos contraídos
el engaño simplemente
las ruinas del pudridero
y del hastío

dale
tienes una voz bonita
eres capaz de cualquier cosa
encender una aldea de ruidos
inventar pronombres de agonías
fuiste tan guapo/cuando joven

y qué hice entonces
destruirlo todo

me dices ahora
desde tu despojada ausencia
y sus malditas consecuencias
sobre mí

me parece que todos
estamos muy cerca
del abismo
ese que dicen
es
la vida real

esa vida
es
la forma
más real
de mi suicidio

REFERÊNCIA

ATAL, Jessica. *Teoria de uma prática amorosa*. Santiago: Ediciones Bonnefont, 2020, p. 23.